

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O *WESTERN* (PARTE 1-CONCLUSÃO)

4 e 10 de fevereiro de 2025

MAN OF THE WEST / 1958

O Homem do Oeste

um filme de Anthony Mann

Realização: Anthony Mann / **Argumento:** Reginald Rose, segundo uma novela de Will C. Brown / **Fotografia:** Ernest Haller / **Direcção Artística:** Hilyard Brown / **Música:** Leigh Harline; canção “Man of the West”, de Bobby Troup, cantada por Julie London / **Montagem:** Richard Heermance / **Intérpretes:** Gary Cooper (Link Jones), Julie London (Billie Ellis), Lee J. Cobb (Dock Tobin), Arthur O’Connell (Sam Beasley), Jack Lord (Coaley), John Dehner (Claude), Royal Dano (Trout), Robert Wilke (Ponch), Jack Williams (Alcutt), Guy Wilkerson (condutor), Chuck Roberson (homem da espingarda), Frank Ferguson (Marshal), Emory Parnell (Gribble), Tina Menard (mulher mexicana), Joe Dominquez (mexicano)

Produção: Walter Mirisch / **Cópia:** 35mm, colorida, Scope, versão original legendada em castelhano com legendas eletrónicas em português, 99 minutos / **Estreia Mundial:** New York, 1 de Outubro de 1958 / **Estreia em Portugal:** São Jorge, 25 de Junho de 1959

As primeiras imagens do filme, enquanto decorre o genérico, mostram-nos um cavaleiro cuja figura se recorta no horizonte numa árida e rugosa planície. O homem parece decalcado dessa paisagem, tão marcado pelo tempo e pelas vicissitudes como ela. Ainda nada sabemos da personagem, excepto que o corpo que lhe dá vida é outro símbolo do Oeste, Gary Cooper, mostrando no rosto os mesmos estigmas do tempo, o cansaço de alguém que carrega um passado e a serenidade de quem parece ter encontrado uma certa paz. Tudo isto são questões que a pouco e pouco o filme irá expor e esclarecendo. Neste momento a imagem do cavaleiro parece inscrever-se numa mitologia velha dando-nos os sinais de histórias e situações bem conhecidas de todos. As cenas seguintes, findo o genérico, transportam-nos para uma pequena cidade do Oeste onde esse cavaleiro chega. O cavaleiro mostra um certo ar de espanto que testemunha de uma longa “ausência”, de falta de contactos com os progressos da “civilização” (a sua reacção perante a chegada do comboio, e o salto que dá por causa do vapor, não será muito diferente da que os primeiros espectadores no Boulevard des Capucines tiveram quando o comboio dos Lumière avançou para eles). Uma reacção semelhante à dos heróis a que Sam Peckinpah dará vida na década seguinte (o começo de **Ride the High Country**), oposta à clássica cena da “entrada” do forasteiro na cidade estranha, a de alguém, seguro si, que entra em território que conhece e “domina” (que o próprio Mann encenara no começo de **Winchester 73**). A sua altura e hábito de cavalgar tornam incómoda a instalação na carruagem. Mas este comboio que o assombra e que pertence a um “outro” mundo, e que em princípio deveria levá-lo à cidade mais próxima para ir contratar uma professora para a localidade em que habita (como saberemos, conforme a personagem se vai revelando a pouco e pouco), vai transformar-se numa viagem ao seu passado, aos fantasmas de um velho mundo “extinto” e que em 1958, no cinema, e dentro do género western, era também um “mundo” que já desaparecera, o do filme clássico de aventuras de bandoleiros, cowboys e índios, de pioneirismo e esperança, de um simples maniqueísmo e de uma moral “irrepreensível”, substituído pelo olhar desencantado, ambíguo, pessimista, amoral, que marca o que se chamou o western “adulto” que então dominava. **Man of the West** é, simultaneamente, a constatação deste facto, desta

“mudança” do género, e o seu ofício fúnebre, na sequência da imagem da porta que se fecha sobre Ethan Edwards em **The Searchers** de Ford e antes da cerimónia solene do seu “enterro” em **The Man Who Shot Liberty Valance** com a flor do cato sobre o caixão de Tom Doniphon (John Wayne). Mas dir-se-ia que o filme lhes é posterior muitos anos, pois a celebração de Mann é uma verdadeira evocação de fantasmas. A começar pelos da própria obra de Mann.

Man of the West poderia ser o “testamento” cinematográfico de Anthony Mann. Não o é, apesar da “vontade” de muitos comentadores e das frequentes referências que lhe são feitas nesse sentido. Será sim uma espécie de epitáfio por um género de que foi um dos mestres incontornáveis, a par de Ford, Hawks e Walsh e do seu contemporâneo Budd Boetticher, feito por alguém que tinha consciência dessa inevitável progressão para o “fim”. Nunca mais voltará a ele no resto da sua vida (**Cimarron**, o seu filme seguinte, só em parte é um western, e trata-se do seu filme mais desequilibrado, ao que parece por razões cuja responsabilidade não lhe cabe), mas os épicos (**El Cid** e o soberbo e fabuloso **The Fall of the Roman Empire**, que Ridley Scott “macaqueou” no seu **The Gladiator**) que fará depois estarão, de qualquer modo, contaminados por esse olhar e mesmo pelos seus valores. “Epitáfio” para que Mann congrega tudo o que constituía o seu universo do Oeste, mas com uma diferença fundamental que vai dar o tom a todo o filme. Personagens e situações surgem como “sombras” das que constituíam os filmes anteriores, e Gary Cooper na sua segura e dureza é a “sombra” dos heróis a que James Stewart dera vida. Uma “sombra” que combate outras “sombras”, numa luta de onde está ausente qualquer “humanidade”. A violência é “fria” e “cruel”, o sadismo torna-se o motor de todas as acções, físicas ou não. E irrompe também, de forma terrível no género, a violação. Deste ponto de vista **Man of the West** anuncia todo o western “spaghetti” a que os italianos darão “vida” e que irá contaminar, inclusive, o cinema americano do futuro. A “violação” não é apenas a sexual de que Billie é vítima, no final, pelo sinistro Doc Tobin. Ela está presente em toda a relação de Link com o tio Doc e a sua quadrilha e em duas das cenas mais impressionantes que o western mostrara até então: a que tem lugar dentro da velha casa com Coaley forçando Billie a despir-se com a faca na garganta de Link (sequência fabulosa na forma como a imagem nos “sugere” o desejo e a luxúria nos olhos de Coaley e dos outros), e a que tem lugar a caminho de Lasso, na luta entre Link e Coaley, com o primeiro arrancando brutalmente as roupas do segundo, o que constitui uma forma também de “violação”. E o sadismo manifesta-se também nas cenas de tiroteio, onde se acaba com a imagem tradicional do duelo do cinema clássico. Aqui dispara-se para matar sem preocupações morais, sem atenção aos “códigos”, por simples sobrevivência (o duelo na cidade fantasma) se não mesmo por puro ódio: Link abatendo Doc no final, numa reacção contra a violação que Billie sofrera, mas que é também a forma de apagar definitivamente o seu passado. Por estas imagens finais, dominadas por aquela paisagem rochosa que parece erguer-se contra o céu, passa também o sopro da tragédia, pois Doc não “luta”, limitando-se a carregar no gatilho da arma de forma aleatória, no que é, indiscutivelmente, uma forma de suicídio.

Possivelmente não há western mais trágico e pessimista em toda a história do cinema como **Man of the West**.

Manuel Cintra Ferreira